



**SOBRE
MEMÓRIA E
SOCIEDADE**

Paulo de Salles Oliveira

RESUMO

O artigo sugere reflexões a respeito do livro *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, de Ecléa Bosi, aqui considerado como obra-prima da psicologia social e das ciências humanas. Destaca as originalidades de natureza teórico-metodológica do texto, a começar por uma composição singular que incorpora poesia na construção científica, passando por uma redefinição das relações entre sujeito e objeto do conhecimento, ao desenvolver a perspectiva de alternância da condição entre ambos, no desdobramento da pesquisa. Mostra, também, como o estudo de Ecléa Bosi se fundamenta em estreitos vínculos entre a pesquisadora e os idosos pesquisados, de modo a se formar entre eles uma comunidade de destino.

Palavras-chave: Ecléa Bosi, psicologia social, memória social, idosos, sociedade.

ABSTRACT

The article presents a set of reflections about the book Memory and Society. Remembering of the Elderly, by Ecléa Bosi, a masterpiece of social psychology and human sciences. It tries to point out the original theoretic and methodological approach by bringing out poetry into the scientific construction, redefining the relationship between subject and object of knowledge with the original development of the changing condition between them in the research construction. It also shows how Ecléa Bosi's study is based on close bonds between the researcher and the interviewed elderly, in a way to build up a destiny community.

Keywords: Ecléa Bosi, social psychology, social memory, elderly, society.

A Universidade de São Paulo possui em seu quadro docente algumas personalidades com brilho invulgar. Não só pelo que ensinam, pesquisam ou escrevem, mas também pelo modo como agem no dia a dia. Uma dessas raras preciosidades é Ecléa Bosi, exemplo de erudição colocada a serviço das grandes causas que afetam a humanidade. Tanto quanto seu marido, Alfredo Bosi, se coloca ela como referência e contraponto diante da arrogância, dos dogmatismos, dos jargões e da soberba. Suas ações refletem luz e exalam serenidade, perseverança e simplicidade. São exemplos disso tanto a fundação e a coordenação da Universidade Aberta à Terceira Idade quanto a incansável luta contra as usinas nucleares. Algo semelhante ocorre também com suas aulas – mesmo aposentada faz questão de lecionar também na graduação e é reconhecida por seus alunos por isso – ou com suas pesquisas e com seus livros. Apresentou-nos a Simone Weil, sensível professora de sociologia francesa que se tornou operária, e, também, a Rosalía de Castro, poetisa da Galiza, traduzindo e publicando seus textos. Sua tese de doutorado, *Cultura de Massas e Cultura Popular: Leituras de Operárias*, está hoje na 13ª edição.

Maior repercussão, ainda, teve *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. De todos os livros que já li em ciências humanas, foi o que mais me impressionou e tocou. É uma obra que supera em muito os limites da psicologia social e se coloca com destaque na literatura das humanidades. Creio que esse texto inaugura uma nova proposta metodológica, alinhando teoria e empirismo a cada momento de sua reflexão, nunca dissociando um do outro. Acredito, também, que explicita um novo modo de fazer ciência, em que a escrita poética se faz presente, e em que o sujeito-pesquisador e o objeto do conhecimento, as pessoas pesquisadas, alternam-se mutuamente na difícil tarefa de produção do saber. Desse trabalho, delineia-se entre ambos um destino comum, buscando superar a assimetria que costuma rondar as relações entre pesquisador e pesquisados. O profundo respeito que Ecléa tem pela figura do outro a move no sentido de promovê-lo e nunca de utilizá-lo em seu próprio proveito. Mais ainda: esse outro, a quem a autora se dedica, é sempre uma personagem deixada para trás nas representações dominantes da sociedade, seja a operária com suas leituras, seja o velho fragilizado, por quem – como ela diz – nós é que temos que lutar.

O livro, editado pela primeira vez em 1979, surgiu de tese de livre-docência e traz uma singular reflexão feita a partir de entre-

PAULO DE SALLES OLIVEIRA

é professor titular do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho no Instituto de Psicologia da USP e autor de, entre outros, *Vidas Compartilhadas: Cultura e Relações Intergeracionais na Vida Cotidiana* (Cortez).

Este texto, com pequenas modificações, foi publicado na revista *Psicologia USP* (v. 19, n. 1, jan.-mar./2008), no dossiê Ecléa Bosi, organizado pelo autor.

vistas aprofundadas com oito pessoas idosas, maiores de 70 anos, que viveram desde a infância na cidade de São Paulo. A história da cidade é revisitada através da memória social de sujeitos que participaram de sua construção. Até aquele momento – falamos da segunda metade dos anos 70 – suas vozes e suas presenças estavam como que amortecidas. Não se falava com frequência dos velhos e, tampouco, da terceira idade. Sabíamos de São Paulo apenas através do que dizia a historiografia, em suas múltiplas versões. Nenhuma delas, porém, havia se dado conta até então da expressividade narrativa dos velhos. Com *Memória e Sociedade* ficamos conhecendo o que outros livros não contam. Não se espere, porém, uma história linear ou mesmo ausência de contradições entre aquilo que é narrado por essas pessoas e os registros históricos. E tampouco se deve supor da parte da autora uma postura de exterioridade em relação à trama dos acontecimentos. Bem ao contrário. Afirma ela com todas as letras que:

“Não me cabe aqui interpretar as contradições ideológicas dos sujeitos que participaram da cena pública. Já se disse que ‘paradoxo’ é o nome que damos à ignorância das causas mais profundas das atitudes humanas... Explicar essas múltiplas combinações (paulistismo de tradição mais ademarismo; ou tenentismo mais paulistismo mais comunismo; ou integralismo mais getulismo mais socialismo) é tarefa reservada a nossos cientistas políticos, que já devem ter-se adestrado a estes malabarismos. O que me chama a atenção é o modo pelo qual o sujeito vai misturando na sua narrativa memorialista a marcação pessoal dos fatos com a estilização de pessoas e situações e, aqui e ali, a crítica da própria ideologia” (pp. 458-9).

O texto é denso teoricamente e, ao mesmo tempo, sensível, fluente, poético. Não tem nada da rigidez de estruturas explicativas que esquematizam o real e desafiam a paciência e a atenção do leitor na tarefa de compreender aquilo que nem mesmo parece

claro para o autor daquelas linhas. Em *Memória e Sociedade*, nota-se como Ecléa vai se desapegando de si, aproximando-se com suavidade do outro e entregando-se de corpo e alma ao drama vivido pelas pessoas a quem pesquisa. Desse modo, não só estuda, mas vive os problemas e se compromete radicalmente a selar para com essa gente uma comunidade de destino, isto é, viver a condição dos sujeitos pesquisados sem possibilidade de retorno à situação anterior.

“Nesta pesquisa” – diz ela – “fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto enquanto ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir suas lembranças” (p. 38).

A interação em profundidade com as pessoas estudadas faz lembrar o saudoso sociólogo Oswaldo Elias Xidieh. Ambos, Ecléa e Xidieh, são cultores da paciência e esperam o momento adequado em que os sujeitos se sintam livres e à vontade para abrir seu coração na forma de depoimentos. É preciso dar tempo ao tempo para que se formem vínculos de amizade entre a pesquisadora e os sujeitos pesquisados; é nessa convivência, ombro a ombro, olhos nos olhos, que ao longo dos anos podem juntos construir uma rede solidária de confiança mútua. Nesse momento, percebe-se como a autora pôde realizar a alternância da condição entre sujeito e objeto: passa ela, a pesquisadora, a ser objeto e deixa a seus depoentes o lugar de sujeitos. O cultivo da simpatia pelas pessoas estudadas permite a Ecléa distinguir o momento propício em que essas pessoas estão predispostas a falar livremente. Desconheço outro livro que tão bem promova as qualidades dos seres humanos que focaliza, sem, porém, idealizá-los. Ecléa não deixa de exteriorizar sua crítica, contudo o faz num nível de elegância incomum: expressa sua divergência, coloca sua ressalva sem desqualificar as pessoas; ao contrário, busca compreender as razões que as levaram a tais convicções ou atitudes. Um exemplo está no seu comentário sobre as confusões entre datas e fatos narrados. Ecléa assim se expressa:



“Às vezes há *deslizes* na localização temporal de um acontecimento... Falhas de cronologia se dão também com acontecimentos extraordinários da infância e da juventude... Linhas adiante, lembra que “uns e outros sofrem um processo de desfiguração, pois a memória grupal é feita de memórias individuais” (p. 419, grifos nossos).

Já em outro caso, ao comentar um suposto alheamento de uma de suas entrevistadas em relação às questões sociais, a autora menciona que:

“Tratando da memória política de d. Alice *tive de dizer*, páginas atrás, que d. Alice não se refere a fatos políticos. Convém precisar a afirmação: a Revolução de 24 e as manobras de Isidoro e seus tenentes acordam nela apenas a lembrança de uma situação aflitiva, em que o pior de tudo

é o desenraizamento, a urgência de abandonar casa e pertences” (p. 465, grifo nosso).

Assim não se trata de idealização, ou seja, de supor qualidades que só a pesquisadora enxerga nos sujeitos que estuda. O que Ecléa se esmera em criar, isto sim, é uma atmosfera calorosa e o ensejo para que essas pessoas possam expressar o melhor de si mesmas.

Seria interessante destacar que tudo que estou dizendo não se resume meramente a opinião pessoal, ainda que fundamentada. Bem antes de mim, outros já expressaram publicamente o brilho invulgar desse texto. Cabe exemplificar, citando alguns comentários entre os mais notáveis. Octavio Ianni, da Sociologia, encontrou no livro “uma linda lição de vida”. Paulo Sérgio Pinheiro, cientista político, apontou que “a história social

A expressividade narrativa dos idosos é um dos destaques do livro *Memória e Sociedade*

de São Paulo saltou léguas com este mergulho magistral... o livro é um manancial de ensinamentos sobre a participação política e o mundo do trabalho no Brasil". Para Flávio Rangel, teatrólogo, "a autora inaugurou a sociologia da emoção: seu livro tem momentos de pura poesia, e todo ele é uma rara sensibilidade em relação aos seres humanos sobre os quais se debruça... a gente lê como se fosse um romance, como se estivesse ouvindo uma cantiga de roda, aprendendo intensamente com seus personagens, que não se pode deixar de amar". O escritor Lourenço Diaféria assegurou que "como mero palmilhador de esquinas e observador dos becos sem saída da cidade, emergi da leitura (de *Memória e Sociedade*) com a sensação de que conheço melhor a atmosfera de São Paulo e descobri insuspeitadas fímbrias da alma de suas criaturas". Outro escritor, Pedro Nava, confessou que "lendo seu livro ganhei mais estímulo para continuar a escrever minhas lembranças de um mundo perdido". E, além desses todos, Carlos Drummond de Andrade revelou que "o livro me toca por muitas razões, a principal delas é que o tema envolve uma carga enorme de poesia. E é o meu tempo que aí se lembra, de uma perspectiva de São Paulo" (capa do livro)

Mas *Memória e Sociedade* não apenas atravessou fronteiras das áreas científicas. Cruzou também o oceano e venceu barreiras geográficas. Bem à feição psicológica, questionou estereótipos, fazendo-nos rever a ideia de que o melhor ou mais avançado viria sempre de fora, usualmente da Europa ou dos Estados Unidos. Vou mencionar apenas dois exemplos. Um deles se refere ao sociólogo Pierre Bourdieu, que em seus cursos na Sorbonne, em Paris, propunha capítulos de *Memória e Sociedade* para leitura e debate com seus alunos de pós-graduação, em seminários que organizava. O outro remete ao psicólogo Karl Scheibe, da Universidade Wesleyan, em Connecticut, nos Estados Unidos. Em um de seus livros, chamado *Estudos do Self (Self Studies)*, editado em Londres no ano de 1995, saúda em *Memória e Sociedade* o encontro milagroso entre

idosos solitários, à espera da doença ou da hora extrema, e uma pesquisadora, que irá se tornar para eles amiga verdadeira. É uma psicóloga diferente, que não vai para os encontros carregando categorias preconcebidas ou teorias pesadas, nas quais as narrativas teriam que se encaixar.

Teoricamente falando, o trabalho está ancorado em autores clássicos. Mais ainda: ao que me é dado alcançar, o esforço de conceituação de memória feito pela autora vai alinhavando de modo singular fontes nunca antes aproximadas: Bergson, Halbwachs, Bartlett e Stern. Aí reside outra dimensão de sua originalidade.

Em Bergson, a memória é o esforço por fazer vir à superfície o que estava imerso e oculto, movimento este que restringe o campo de indeterminação e a dúvida do sujeito, levando-o a retomar práticas consagradas, que anteriormente tinham sido bem-sucedidas. A memória brota do embate entre a subjetividade do espírito e a exterioridade da matéria, que, por sua vez, se apresenta como obstáculo à emergência dessa lembrança.

Halbwachs, na esteira de Durkheim, não se refere à memória em si, mas aos quadros sociais em que ela é produzida. A memória não é, para ele, fruto do sonho, mas do trabalho de refazer, com ideias atuais, as experiências do pretérito. Não se trata de reviver o passado tal qual ele pudesse ter sido realizado, mas de um esforço de reconstrução desse passado diante de nossas atuais possibilidades. Ninguém melhor que o velho, pondera Halbwachs, para exercer a função social de lembrar.

Bartlett, por sua vez, parte da ideia de convencionalização, estipulada por Rivers, ou seja, o processo através do qual ideias e imagens vindas de fora se ajustam e são assimiladas por um dado grupo social. O que Bartlett e Halbwachs procuram, explica Ecléa, é "fixar a pertinência dos quadros sociais, das instituições e das redes de convenção verbal no processo que conduz à lembrança" (p. 64). Para Bartlett, existe uma continuidade entre a mais simples forma de assimilação, transportada de um grupo a ou-

tro e aceita por este, até a criação social de novos elementos simbólicos. Dirá ele: “fica o que significa”, embora o que fique às vezes apareça bastante preservado e, outras vezes, enormemente modificado.

O movimento pelo qual se constrói a memória remete, portanto, a múltiplos caminhos: aos meandros insondáveis da liberdade de um espírito que se defronta com a matéria (memória-sonho), aos quadros sociais que a situam e delimitam (memória-trabalho) e às mediações por que passa ao longo do tempo. Eis aí a razão pela qual o psicólogo William Stern pontua que a “a lembrança é a história da pessoa e seu mundo, *enquanto vivenciada*” (apud Bosi, 1994, p. 68).

Se a construção do debate teórico é singular, o mesmo se pode dizer quanto ao modo de tratar os depoimentos. Aqui, vale uma vez mais recorrer ao texto de Scheibe. Afirma ele que são comuns em psicologia estudos em que “nada do que o paciente diz é tido como de valor cristalino e (finalmente) o sentido ou a verdade da história somente se revela sob a interpretação dada pelo doutor”. Eis que, então, escreve Scheibe, Ecléa “apresenta o raro espetáculo no qual a psicóloga simplesmente se entrega ao material que colheu de um modo especial: não o submete a si, de maneira alguma; em vez disso, o investe da mais elevada dignidade humana” (Scheibe, 1995, p. 140, tradução nossa).

Torna-se, assim, mais nítido o contrapon-tamento entre esta possibilidade de construir o conhecimento e as formas consagradas de lidar com a produção científica, fazendo-nos ver

“[...] como é ilusória a figura de um sujeito do conhecimento neutro, que observa ‘de fora’ os fenômenos na suposição de apreendê-los por inteiro para, ao final, construir sobre eles uma imagem definitiva. Determinar completamente o objeto simbolizaria o poder arbitrário do sujeito do conhecimento, mas também a morte do objeto, daí a ilusão que recobre tais práticas” (Oliveira, 2011, p. 66).

João Alexandre Barbosa, das Letras, discorda da modéstia com que a autora se refere

ao fato de que apenas “colheu memórias de velhos”. Diz ele: “não somente colheu, mas *deu existência* a estas memórias” (Barbosa, 1994, p. 12). Realmente, lendo a fala de cada um dos entrevistados, há diversas passagens que lhe dão razão. Os idosos narram coisas que jamais suporiam contar a outrem e, dessa maneira, trazem referências importantes para todos nós, especialmente os de outras gerações.

Nas lembranças de d. Alice, costureira desde menina, ela própria faz questão de dizer, em mais de uma passagem, que conta a Ecléa o que não contou a ninguém, nem mesmo ao padre no confessionário. Em outro momento, fica ainda mais nítido o profundo carinho que aquela senhora nutria pela autora: “Contando pra você os pedaços difíceis, aquela luta, parece que estou contando para uma pessoa muito querida. Conto com todo prazer”. Mais adiante, a própria d. Alice se surpreende: “Quem diria que eu iria abrir o livro da minha vida e contar tudo? E agradeço por isso: é bom a gente lembrar” (pp. 113, 123).

Nas recordações do sr. Amadeu, que trabalhou com estamparias e gravuras, outra particularidade vem à tona. Ele vê nas entrevistas uma oportunidade para aconselhar. Começa, recatadamente, com um conselho ao mesmo tempo simples e aparentemente difícil de ser seguido nos dias de hoje. Diz ele que: “Aquilo que eu fiz na vida não foi grande coisa. Se estivesse na minha competência, eu daria um conselho aos jovens: para levar uma vida honesta, uma vida de amor” (p. 152). Mais adiante, entretanto, suas palavras remetem a ensinamentos de tolerância para com os outros. Encontra na prática do trabalho um arrimo para superar estereótipos e preconceitos e deixa aos leitores uma bela lição de psicologia social. Não é a toa que tenha sido escolhido para encerrar o livro. “Os velhos de hoje” – afirma o sr. Amadeu – “foram os moços de ontem. Devem procurar ainda fazer alguma coisa na vida... Há os que partiram para o jogo e a bebida e ficaram por aí abandonados. Mas eu acho que deveríamos

olhar até para esses velhos. Eles também trabalharam” (p. 152).

Que dizer, então, do sr. Antonio, que chegou a atuar em óperas e trabalhou como ourives e sanitarista? Reservado, confessou não ser “destes de contar o que aconteceu. Nem pros meus filhos nem pros meus netos. Há um hiato muito grande entre mim e eles”. Pois bem, esse hiato se desfez com Ecléa, para quem contou muitas coisas, como “o valor que dá às coisas mais mezinhas, às coisas mais simples: o olhar de uma criança, essas coisas de casa, de todo dia. É preciso amar o que está perto, o resto é tudo vaidade” (pp. 259-60).

Esse voltar-se para os fatos do cotidiano, que estão bem próximos de nós, assim como a atenção para com as pessoas simples, algumas relegadas socialmente, como os velhos que o livro apresenta, nos levam a pensar numa psicologia social com inspiração em Benjamin, trabalhando com fragmentos, nas franjas do tecido social, valorizando uma percepção da condição dos indivíduos e, ao mesmo tempo, visualizando-os num quadro mais amplo.

A atenção ao que ocorre no dia a dia sugere, igualmente, que formulemos a conclu-

são na forma de interrogação, que, por sinal, está posta logo no início do segundo capítulo, “Tempo de Lembrar”:

“O que poderá mudar enquanto a criança escuta na sala discursos igualitários e observa na cozinha o sacrifício constante dos empregados? A verdadeira mudança dá-se a perceber no interior, no concreto, no cotidiano, no miúdo; os abalos exteriores não modificam o essencial” (p. 73).

Memória e Sociedade, em sua 18ª edição no ano de 2012 e após várias reimpressões, é reconhecidamente um clássico das ciências humanas. Já inspirou peças teatrais, como *Doces Lembranças*, e, para a felicidade de educadores e alunos, foi incluído pelo Ministério da Educação entre as “Cem Obras sobre o Brasil”, constituindo acervo que deve integrar as bibliotecas das escolas públicas assim como a biblioteca do professor.

É um livro para ler e reler, várias vezes. Difícil será não se emocionar e não se surpreender; há ali sempre algo a descobrir. Pois, como dizia Calvino (1993, p. 12), “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para ser dito”.



BIBLIOGRAFIA



- BARBOSA, J. A. “Uma Psicologia do Oprimido”, in E. Bosi. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994, pp. 11-5.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- CALVINO, Í. *Por que Ler os Clássicos*. Trad. N. Moulin. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- OLIVEIRA, P. S. *Vidas Compartilhadas. Cultura e Relações Intergeracionais na Vida Cotidiana*. 2ª ed. São Paulo, Cortez, 2011.
- SCHEIBE, K. E. *Self Studies. The Psychology of Self and Identity*. London, Praeger, 1995.